

Parque Marinha do Brasil – Um Parque, Três Projetos

Marina do Brazil Park – One Park, Three Projects

Parque Marina de Brazil – Un Parque, Tres Proyectos

Luciane Giacomet Barbosa, Arquiteta, Doutora em Arquitetura; Programa de Pesquisa e Pós Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; arquiteta@lucianegiacomet.com.br; Travessa Nossa Senhora de Lourdes, 230/704 B; Porto Alegre; Brasil.

Resumo

O presente artigo discute e analisa, em conjunto, os três projetos desenvolvidos para o concurso do Parque Marinha do Brasil, em Porto Alegre (1976). O projeto indicado como vencedor é de autoria dos arquitetos Rogério Malinsky e Ivan Mizoguchi; o outro projeto conta como autoria o arquiteto Cláudio Araújo e equipe, já a terceira proposta fica sob a responsabilidade dos arquitetos Carlos M. Fayet e Jorge Debiagi. O artigo investiga o papel do concurso, o qual retrata o Parque Marinha como uma evidência histórica, em que as diferentes soluções sobre um tema comum são capazes de situar o debate sobre o parque público no âmbito contemporâneo. O foco do artigo não se situa no parque executado, mas está centrado no exame analítico e comparativo das três hipóteses projetuais, que surgiram como resposta ao concurso, para solucionar um problema arquitetônico. A verificação das variadas proposições para o mesmo sítio permite traçar um paralelo comparativo entre elas, de maneira a evidenciar a amplitude do debate sobre o tema do parque urbano como configurador de orla. Averiguam-se os conceitos propostos pelas equipes participantes, buscando esclarecer como a cultura arquitetônica da década de 1970 encarava o problema urbano do parque. A confrontação de três projetos, que indicam respostas para um problema disciplinar ainda vigente, o parque urbano, possibilita o deslocamento da problemática para a discussão sobre o parque como protagonista na conformação territorial e como meio de reivindicar a paisagem.

Palavras-chave: parque; concurso; paisagismo; orla.

Abstract

The article discusses and analyzes, together, the three projects developed for the contest for the Marinha do Brasil Park, in Porto Alegre (1976). The project winner specified has authorship by architects Rogério Malinsky e Ivan Mizoguchi. Other project was developed by Claudio Araújo and team and the third proposal was by Carlos M. Fayet e Jorge Debiagi. The subject investigates the role of the contest for the Marinha as a historical evidence, in which the different solutions on a common theme are able to situate the debate on the public park in the contemporary context. The focus of the matter is not the executed park, but is focused on the analytical and comparative examination of the three projective hypotheses that arise in response to the contest, to solve an architectural problem. The verification of the various proposals for the same site allows us to draw a comparative parallel between them, in order to show the breadth of the debate on the subject of urban park as a shore configurator. The article scrutinizes the concepts proposed by the participating teams, seeking to clarify how the architectural culture of the 1970s faced the urban problem of the park. The confrontation of three projects, which indicate responses to disciplinary problem still existing, the urban park, allows shifting the problem to the discussion about the park as a protagonist in the territorial conformation and as a means of claiming the landscape.

Keywords: Park; competition; landscape; waterfront.

Resumen

El artículo discute y analiza, en conjunto, los tres proyectos desarrollados para el concurso del Parque Marina de Brazil, en Porto Alegre (1976). El proyecto ganador es de autoría de los arquitectos Rogério Malinsky e Ivan Mizoguchi. Otro proyecto era de Claudio Araújo y equipo y la tercera propuesta era de Carlos M. Fayet y Jorge Debiagi. El artículo investiga el papel del concurso para lo Marina como una evidencia histórica, en que las diferentes soluciones sobre un tema común son capaces de situar el debate a parte del parque público en el ámbito contemporáneo. El foco del artículo no se sitúa en el parque ejecutado, sino se centra en el examen analítico y comparativo de las tres hipótesis proyectuales, que surgieron como respuesta al concurso, para solucionar un problema arquitectónico. La verificación de las variadas proposiciones para el mismo sitio permite trazar un paralelo comparativo entre ellas, de manera a evidenciar la amplitud del debate sobre el tema del parque urbano como configurador de orilla. Se verifican los conceptos propuestos por los equipos participantes, buscando aclarar cómo la cultura arquitectónica de los años 1970 encaraba el problema urbano del parque. La confrontación de tres proyectos, que indican respuestas a un problema disciplinario aún vigente, el parque urbano, posibilita el desplazamiento de la problemática para la discusión sobre el parque como protagonista en la conformación territorial y como medio de reivindicar el paisajismo.

Palabras Clave: Parque; concurso; paisajismo; costanera.

INTRODUÇÃO¹

A área do Parque Marinha do Brasil é constituída por uma zona de aterro – onde antes era o sítio natural do rio Guaíba – que está delimitada por importantes avenidas de Porto Alegre: Av. Beira-Rio (a oeste)², Av. Ipiranga (a norte) e Av. Borges de Medeiros (a leste). O limite sul do Parque é conformado pelas instalações do Sport Club Internacional. Localizado no bairro Praia de Belas, inserido na área de aterro de mesmo nome, o território do Parque caracteriza-se pela intensa vinculação com a margem ribeira (a oeste) e com o tradicional bairro Menino Deus (a leste), podendo ser lido como um imenso retângulo (de aproximadamente 400 x 2.400 metros), onde se encerra o conjunto edificado da cidade e, também, desembocam diversas ruas perpendiculares ao rio. Embora exista vinculação e proximidade com importantes peças da configuração urbana de Porto Alegre, também ocorre uma quebra de contiguidade entre o Parque e tais elementos, em virtude da tensão gerada pelo grande fluxo de veículos que atravessa a metrópole na direção norte-sul, justamente nas margens leste e oeste do sítio em questão.



Figura 1: Área do futuro Parque Marinha do Brasil na década de 1970, vista de norte para sul (esq.), e parque implantado na década de 1980, vista de sul para norte (dir.). Fonte: DAMASCENO (2011). Acervo pessoal (esq.); PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Secretaria do Planejamento Municipal. Plano diretor de desenvolvimento urbano: Porto Alegre planejar para viver melhor. Porto Alegre: PMPA, 1980.

Nesse contexto, em 1976, a Prefeitura Municipal de Porto Alegre lançou o concurso para a urbanização do Parque Marinha do Brasil. A disputa foi incluída

¹ Este artigo sintetiza parte da minha tese de doutorado em arquitetura, Parque Marinha do Brasil - um parque, três projetos, desenvolvida no Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR), da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FAU-UFRGS), com orientação da Arq. Dra. Claudia Piantá Costa Cabral. A banca examinadora foi constituída pelo Arq. Dr. Carlos E. D. Comas, Arq. Dr. Sérgio M. Marques e Arq. Dr. Sílvio B. de Abreu Filho, aos quais agradeço as considerações feitas no trabalho, que tiveram grande importância para o aprimoramento da investigação contida neste artigo.

² A Av. Beira-Rio integra o sistema de proteção contra as cheias de Porto Alegre, conformado por avenidas, dique às margens do Guaíba, implantadas na cota 6,00 m. Assim, formando uma barreira física 3 metros acima da cota da superfície do Parque Marinha do Brasil.

dentro do projeto Renascença³. O Parque Marinha do Brasil possuía forte significado para a introdução no Renascença por caracterizar a implantação de um parque linear em orla na zona de aterro do Guaíba. O impulso para a construção do Parque foi dado pela Secretaria Municipal de Planejamento, que elaborou o Plano Preliminar de Diretrizes apresentado para a área por meio da análise dos aspectos históricos, de localização e conceituação da natureza do parque. Esse Plano fixou o programa de necessidades, o zoneamento e as diretrizes gerais que deveriam nortear as propostas para o Parque Marinha do Brasil⁴.

A seleção dos participantes para a elaboração do projeto iniciou com a publicação de um edital para efeito de cadastramento de equipes, o qual fazia parte a apresentação de currículos que contivessem repertório em projetos paisagísticos. Esses cadastros foram analisados pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre e, assim, selecionaram-se algumas equipes, posteriormente convidadas para participar do concurso de projetos para o Parque Marinha do Brasil. Em 8 de setembro de 1976, três das equipes de arquitetos convidados pela Prefeitura Municipal entregaram seus projetos à comissão julgadora, constituída pelos arquitetos José Morbini, Paulo Baggio, Bruno Franke, Wilhelm Waz e Walmor Fortes, todos pertencentes à Prefeitura Municipal. O projeto indicado como vencedor é de autoria dos arquitetos Rogério Malinsky e Ivan Mizoguchi⁵. Outro projeto era de Cláudio Araújo e equipe e a terceira proposta era de Carlos M. Fayet e Jorge Debiagi.

Desse modo, o objeto de estudo deste artigo não está centrado no parque executado, mas sim no parque idealizado por três distintas propostas, a fim de ampliar a discussão da problemática como tema contemporâneo. O foco da análise, portanto, não é descrever a história do Parque Marinha do Brasil tal como construído na atualidade, mas tratar de retomar o momento do concurso para o Parque e colocar em questão as três hipóteses formuladas. Acerca dos três projetos realizados para o Parque Marinha do Brasil, o artigo examina os conceitos empregados em cada um deles e reflete sobre o contexto urbano em que se inseriram. As hipóteses colocadas no concurso demonstram como as alternadas proposições para um problema comum expandem o pensamento sobre o parque público e evidenciam a importância de refleti-lo como elemento protagonista da configuração da paisagem.

³ O projeto CURA (Comunidade Urbana de Renovação Acelerada) insere-se em um plano nacional do BNH (Banco Nacional da Habitação), que fornecia financiamento às prefeituras para a reurbanização e recuperação de áreas consideradas em degradação e deterioração. Esse programa de abrangência nacional adotou em Porto Alegre o nome de Projeto Renascença, o qual se inseriu na área do Parque Marinha do Brasil.

⁴ O Plano Preliminar de Diretrizes consiste em um documento similar a um edital, que continha a definição do programa e os elementos fundamentais, os quais deveriam constar no parque. O Plano traça um panorama global do contexto em que se insere o Parque e o que se desejava dos projetos para a área.

⁵ Esse projeto foi parcialmente executado em 1978.

PRIMEIRO CAPÍTULO

Proposta 1 | Arq. Ivan Mizoguchi e Arq. Rogério Malinsky

O projeto indicado como vencedor é de autoria dos arquitetos Ivan Mizoguchi e Rogério Malinsky, que na sua concepção contaram com a assessoria técnica do engenheiro agrônomo Newton Martins (setor de vegetação), do engenheiro Paulo Muratore (projeto viário, geométrico e pavimentação), da profa. Fandila Reginato (recreação), do prof. Edgar Guimarães Machado (esporte), do arquiteto Benno Sperhake (estruturas), do engenheiro Ivaldo Souza Argoud (eletricidade), do engenheiro Erico Paulo Diehl Peixoto (setor pluvial, água e esgoto) e do Carlos Alberto Gravina (programação visual). Colaboraram ainda para o projeto Maria Dalila Bohrer, Icaro Toshio Mizoguchi e Mário Dani, além do fotógrafo João Alberto Fonseca da Silva, e dos responsáveis pela maquete Paulo de Tarso Muller, Clauton Scholl Pinheiro, Sara Inês e Dora Orth.

Quatro elementos constituem os ordenadores do projeto: eixo verde; eixo aquático; modelados do terreno; lagos e canais. O projeto se organiza no sentido transversal e longitudinal pela implantação de dois grandes eixos disciplinadores. Densamente arborizado e cortando o Parque na sua maior dimensão - direção norte-sul - o eixo verde propõe a retomada do passeio na rua - a rua dentro do parque -, sugerindo a linguagem orgânica dos jardins ingleses, por meio de sinuosidades verticais e horizontais. Pode-se dizer que o eixo verde abrange a dimensão global da área, uma vez que une, por meio de um caminho curvilíneo, os magnetos de atração norte e sul do Parque, representados por duas áreas de grande atratividade de público, a zona esportiva e a esplanada de diversões e espetáculos, respectivamente ⁶.



*Figura 2: Fotomontagem da proposta de Mizoguchi e Malinsky, conforme entorno atual.
Fonte: planta publicada na Revista Espaço e Arquitetura, número 1. Instituto dos Arquitetos do Brasil, Departamento do Rio Grande do Sul, Sindicato dos Arquitetos no Estado do Rio Grande do Sul, outubro 1976.*

⁶ Conforme definições do *Plano Preliminar de Diretrizes*, a superfície do parque estava dividida em três grandes zonas de atividades: na sul, deveriam se concentrar as funções relacionadas ao lazer e aos grandes equipamentos públicos, como parque de diversões e circo; na porção central da área, deveriam concentrar-se as atividades relacionadas ao civismo, à cultura e ao turismo, inclusive associados ao contato ribeiro; na porção norte, estariam posicionadas as funções esportivas.

Ao cruzar o Parque na direção leste-oeste - praticamente no ponto central da área e demarcando o setor cívico e cultural -, o eixo aquático ordena os espaços abertos por meio de uma esplanada monumental, explicitando seu objetivo de conduzir o usuário à superfície aquática. Esse eixo corta perpendicularmente o eixo verde, e projeta-se sobre a Avenida Beira-Rio (cota seis), conformando uma esplanada com 60 metros de largura e 400 metros de comprimento, alcançando a ilha formada dentro do Guaíba - denominada "portinho". A plataforma não só une transversalmente o parque, como também avança sobre o rio, conformando uma ilha de atividades, destinada à implantação de restaurante, aquário municipal e prédios administrativos. Dessa forma, configura-se o esqueleto fundamental do projeto: um eixo longitudinal que liga duas grandes zonas de atividades, interceptado por um eixo transversal que leva às atividades turísticas e contemplativas vinculadas ao contato ribeiro.

A plataforma que avança sobre o rio constitui o símbolo projetual de retomada do contato ribeiro. Por esse motivo foi desenhada em larga escala e com tamanha dimensão, para demonstrar a vontade implícita no projeto de devolver ao cidadão o proveito da orla. A atitude de apoderar-se do rio, como forma de resgatá-lo para o convívio urbano, remete às ideias de Le Corbusier, propostas em 1929 para Buenos Aires. De maneira similar, o arquiteto vislumbrou a reconquista do Rio da Prata por meio de uma imensa plataforma de concreto que avançaria sobre a superfície aquática, na qual emergiriam as torres terciárias da Citty des Affaires - Cidade de Negócios. No contexto porto-alegrense, o propósito é semelhante, porém, em vez das torres, o projeto sugere edificações horizontais e permeáveis, direcionadas ao lazer, que possibilitariam a total interação com a água. Tanto no caso portenho quanto porto-alegrense as idealizações rio adentro não se efetivaram. No entanto, em diferentes lugares do mundo, como Barcelona, na década de 1990, por exemplo, alternativas similares foram realizadas. Tal fato demonstra a consonância do discurso urbano de Porto Alegre com o debate internacional de valorização e reapropriação do meio natural para o convívio com a cidade.

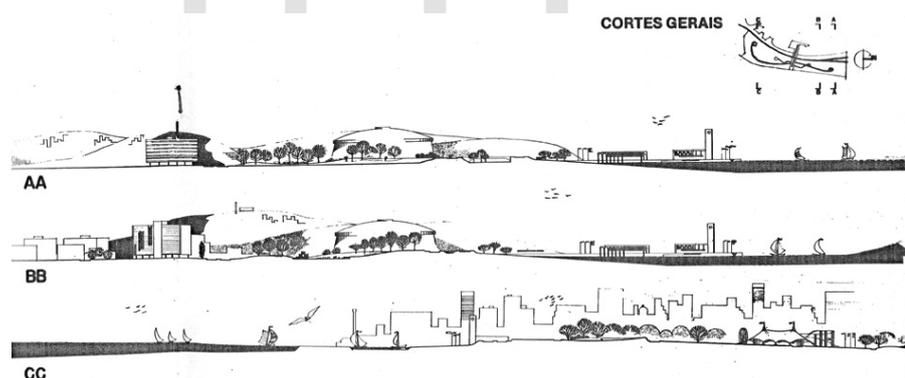


Figura 3: Cortes da proposta de Mizoguchi e Malinsky. Fonte: Revista Espaço e Arquitetura, número 1. Instituto dos Arquitetos do Brasil, Departamento do Rio Grande do Sul, Sindicato dos Arquitetos no Estado do Rio Grande do Sul, outubro 1976.

Proposta 2 | Arq. Cláudio Araújo e equipe

A equipe do projeto proposto por Cláudio Luiz Araújo foi constituída pelos arquitetos Arlete Schneider Sauer, Carlos Eduardo Dias Comas, Claudia Obino Correa Frota, José Artur Daló Frota, Martin Suffert. Para a escolha das espécies vegetais, contaram com a assessoria do engenheiro agrônomo Ronald Jamieson. Lenea Gaelzer e o engenheiro Werner Laub colaboraram para a elaboração das redes. O engenheiro João Batista Machado Rosa assessorou nas estruturas, enquanto Paulo Gomes de Freitas e o engenheiro Enio Cruz da Costa colaboraram nas questões ambientais. Ainda participaram da equipe Angela Seger, Eduardo Galvão, João Mariano Ribeiro, Ricardo Richter e Rosemary Dullius. Embora o grande número de participantes e colaboradores, destaca-se o protagonismo de Araújo (chefe de equipe), de Carlos Eduardo Dias Comas e de Ronald Jamieson nas definições principais do projeto.

Essencialmente, o conceito proposto pelo projeto fundamenta-se na reconstrução da margem ribeira, devolvendo à borda a organicidade e naturalidade de sua paisagem natural, interrompida pelos sucessivos aterros da costa. Em acordo com as margens opostas do Guaíba, prevalece na proposta formas curvas e espontâneas, por meio das quais se formam os ambientes. De tal modo, o princípio estruturador do projeto apoia-se na modelagem do terreno, contrapondo vales e colinas que se desenvolvem ao longo do sítio. A formação de um relevo artificial, recriando a paisagem mediante uma nova topografia, constitui o elemento morfológico de maior força compositiva do projeto. É por meio da diferença de nível dos vales e das coxilhas que se estabelecem as relações entre os espaços e suas respectivas funções. Entrelaçando vales e colinas, trabalhou-se com um caminho sinuoso que estabelece a criação de circuitos internos e une a diversidade de locais inseridos no Parque.



Figura 4: Fotomontagem da proposta de Araújo e Comas, conforme entorno atual. Fonte: MARQUES, Sergio Moacir (Org.). Acervo Fayet, Araújo & Moojen. Porto Alegre: Núcleo de Projetos. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo UniRitter, 2006.; MARQUES, Sergio Moacir. MIRON, Luciana. LUZ, Maturino. ARAÚJO, Cláudio Luis Gomes (Orgs.). Acervo Arquitetura de Concursos no Rio Grande do Sul: 1954/2014. Porto Alegre: Núcleo de Projetos, FAU UniRitter, 2000.

As edificações foram incorporadas às ondulações topográficas para que seu impacto visual fosse minimizado. O objeto construído de proposital visibilidade é constituído pela cúpula transitável, que representa, na modelagem do terreno, elemento morfológico de extraordinária força compositiva. Além da cúpula, os elementos edificados são representados pelos antigos equipamentos náuticos, simbolicamente implantados junto aos trapiches que se projetam sobre o Guaíba, destinados a diferentes usos, sugerindo a reaproximação ao rio de maneira lúdica. Assim, no espaço conformado na borda do Guaíba, surgem três trapiches que abrigam distintas atividades. Ao sul, o píer possui função turística, de onde chegam e partem barcos de excursões programadas. No trapiche central está ancorado o navio desativado, transformado em restaurante e Museu da Marinha do Brasil. A barcaça desativada, do trapiche norte, serve de bar flutuante, conferindo ao projeto uma imagem lúdica e sugerindo, com a inserção desses elementos náuticos, a retomada do rio.

A superfície do Parque é segmentada em três distintos setores, classificados por intensidade de animação predominante: setor de animação intensa, setor de animação média e setor de animação reduzida.⁷ O projeto sugere a entrada da água no Parque, através de canais e da formação de um grande lago na ala sul, propondo a criação de áreas voltadas para o interior do Parque. Nesse sentido, motiva a apreciação da paisagem contida e enquadrada em determinados contextos. Por meio dessas atitudes, o projeto opõe-se à criação das vastas superfícies vazias e planas e também à monumentalidade dos espaços. Tal atitude sugere a formação de um Parque por episódios, em que pequenas ocasiões, ora abertas ao vasto horizonte, ora fechadas no interior do terreno, geram o todo projetado.

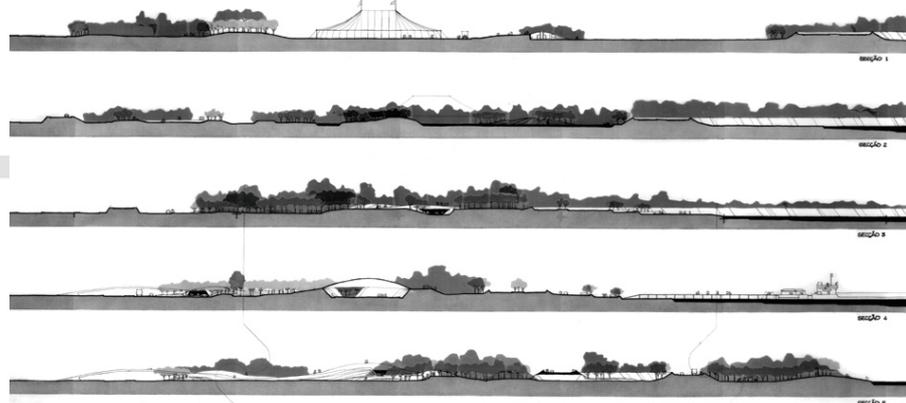


Figura 5: Cortes da proposta de Araújo e Comas. Fonte: MARQUES, Sergio Moacir (Org.). Acervo Fayet, Araújo & Moojen. Porto Alegre: Núcleo de Projetos. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo UniRitter, 2006.; MARQUES, Sergio Moacir. MIRON, Luciana. LUZ, Maturino. ARAÚJO, Cláudio Luis Gomes (Orgs.). Acervo Arquitetura de Concursos no Rio Grande do Sul: 1954/2014. Porto Alegre: Núcleo de Projetos, FAU UniRitter, 2000.

⁷ Respectivamente zoneados nas porções sul, central e norte do Parque, conforme organização determinada no Plano Preliminar de Diretrizes.

Proposta 3 | Arq. Carlos M. Fayet e Arq. Jorge Debiagi

O projeto é de autoria dos arquitetos Carlos Maximiliano Fayet, Jorge Decken Debiagi e Moema Castro Debiagi. Conceitualmente, o projeto incorpora a concepção do parque linear que se desenvolve ao longo de eixos viários. Nesse sentido, a proposta resgata a ideologia modernista de buscar o diálogo e promover o convívio entre a natureza – organizada – e a racionalidade técnica – as *parkways*. Assim, o projeto calibra as funções de lazer do parque urbano, sem menosprezar fatores essenciais para sua concepção, constituídos pela nítida presença das vias expressas que o cruzam e pelo enorme potencial paisagístico da orla no qual está implantado. Desse modo, consagra o conceito de linearidade da proposta, por meio de um tratamento paisagístico que reforça seu sentido horizontal e longitudinal. Nesse aspecto, o parque linear é composto por duas faixas bastante marcadas em termos de morfologia e programa. A mais larga das faixas, caracterizada pelo uso de formas livres, divide-se em três setores bem definidos por funções esportivas, culturais e de diversão, a norte, centro e sul da área, respectivamente. Embora a faixa de orla siga a mesma segmentação funcional, seu maior atrativo é, nitidamente, o rio que age como protagonista de todas as atividades que ali se aplicam.

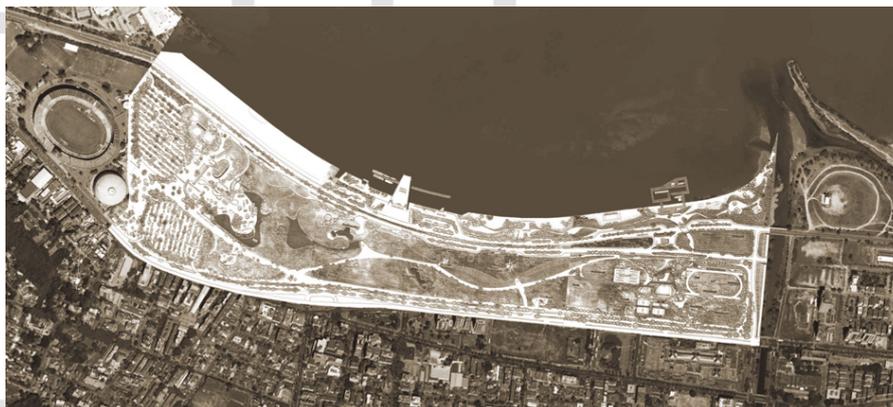


Figura 6: Fotomontagem da proposta de Fayet e Debiagi conforme entorno atual. Fonte: planta do acervo pessoal do Arq. Jorge Debiagi.

Avesa ao uso de eixos, a proposta organiza as atividades em diferentes conjuntos unidos por um longo caminho sinuoso, que apresenta largura alternada em diferentes circunstâncias. Pode-se dizer que o esqueleto estruturador do projeto é constituído pelo trajeto em S, pois é por meio dele que as atividades se conectam e se interceptam. Esse percurso não apenas determina a via interna de ligação das atividades e de caminho de pedestres como também, delimita a cota mais baixa do extenso modelado que se prolonga no sentido longitudinal do sítio. Concentrado na porção central do Parque, o vasto talude de contorno curvo é a figura de maior percepção no conjunto, abrigando atividades culturais e turísticas no interior de suas ondulações e, simultaneamente, permitindo o acesso a seu nível mais alto, de maneira a possibilitar o alcance da paisagem ribeira. O talude central caracteriza o elemento de grande força compositiva no que se refere ao movimento com a topografia, capaz de gerar um espaço fluído e ativo, agregador de atividades e

de visuais. Transversalmente, o elemento de grande destaque consiste na edificação trapezoidal caracterizada pela continuidade do espaço cívico, pronunciando-se sobre o Guaíba. Enquanto que o dinamismo dessa construção firma-se no fato de aterrissar sobre a água, o principal atrativo das outras atividades consiste em serem implantadas sob o extenso e modelado terreno, de maneira a não interferir na paisagem total do Parque.

A proposta assume como protagonista da sua organização a circulação veicular, em que as artérias que circundam o Parque de norte a sul assumem papel de extrema relevância na morfologia do Marinha. O projeto sugere o diálogo antagônico entre natureza projetada e técnica viária, problema característico do cenário urbano moderno, em que as amplas superfícies verdes destinadas ao público convivem com as vias de alta velocidade. Embora aceite a presença da Av. Beira-Rio cortando a superfície do Marinha, o projeto não deixa de privilegiar a escala do usuário. Apesar do marcado contraste entre escala humana e veicular, o projeto apresenta a ideia de associar as atividades de caráter esportivo, recreativo e cultural com as vias expressas, buscando o equilíbrio entre a recreação e a circulação urbana. A proposta agrega ao parque atividades típicas do entretenimento urbano e do lazer na orla, criando um espaço aberto, movimentado e dinâmico, capaz de mesclar veloz circulação e vagarosa contemplação ao cotidiano da metrópole.

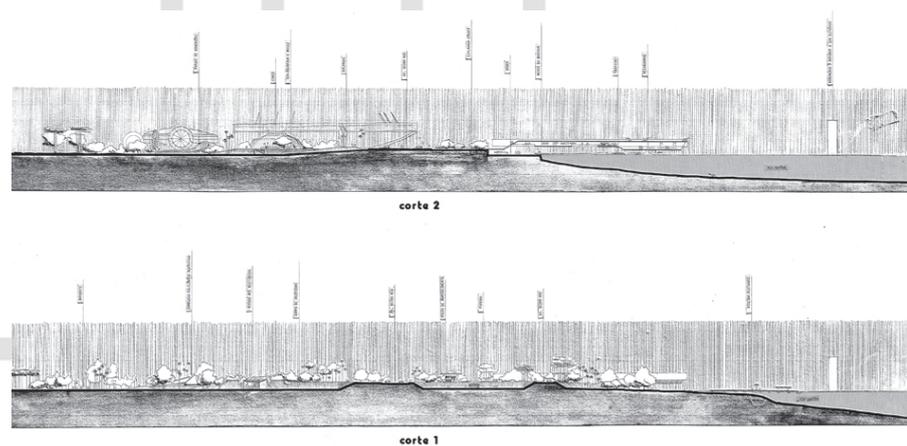


Figura 7: Cortes da proposta de Fayet e Debiagi. Fonte: acervo pessoal do Arq. Jorge Debiagi.

UM PARQUE, TRÊS PROJETOS

Comum às três hipóteses é a operação com os mesmos instrumentos da natureza: terra, vegetação e água. Diverso é o modo como cada uma das propostas foi interpretada. Todas as propostas trabalharam a modelagem do extenso terreno, no entanto, distintas alternativas surgiram. Araújo e Comas fizeram da modelagem do terreno o âmago do projeto, o viés por meio do qual a proposta se desenrola. Os vales e as colinas prolongam-se pelo sítio, conformando as diferentes ocasiões. As demais propostas igualmente trabalharam com a topografia, utilizando-a de modo mais convencional e, portanto, menos decisivo no partido. Nesses casos, as curvas de nível foram

trabalhadas para vencer a barreira física e visual da Avenida Beira-Rio ou para o resguardo pontual de determinadas atividades.

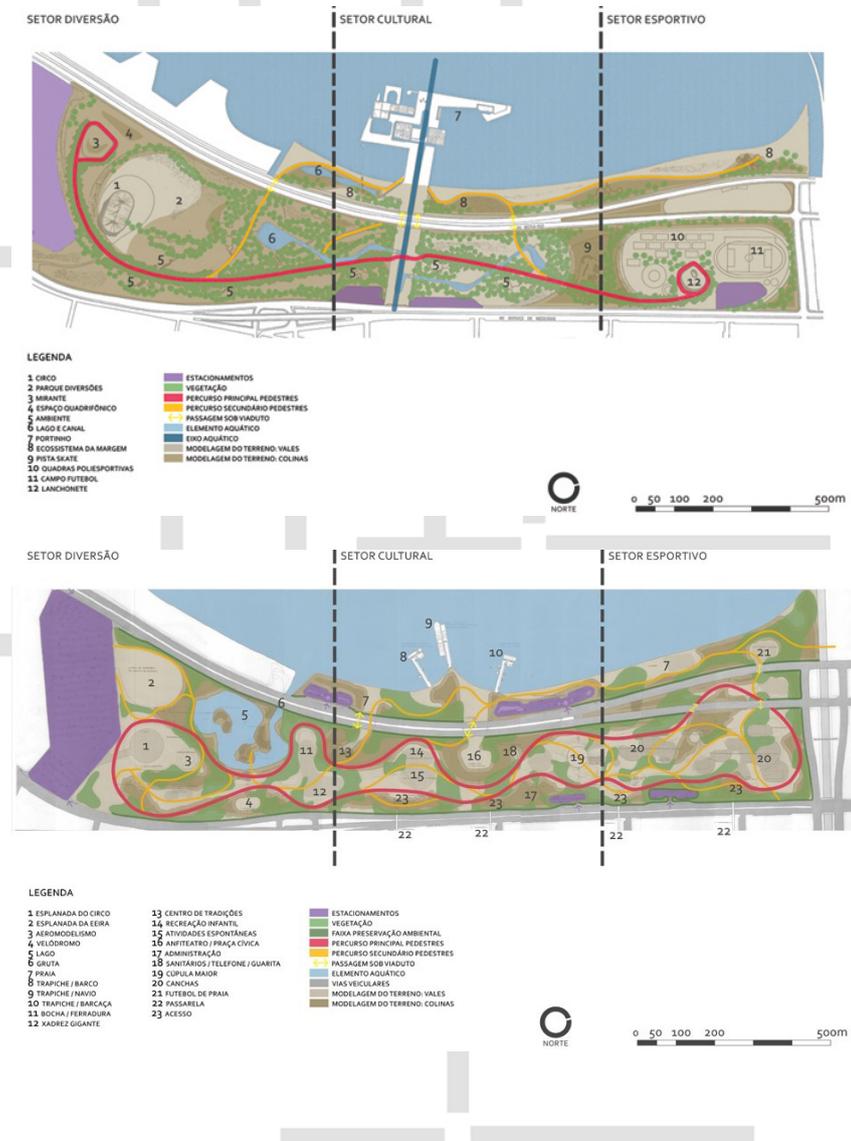
Mizoguchi e Malinsky sugerem a manutenção do ecossistema da margem. Araújo e Comas intencionam a recriação da paisagem da orla, de acordo com o restante do estuário. Fayet e Debiagi deixam a borda mais solta, querendo reconstruir sua imagem como praia. Em todos os casos, independentemente do uso proposto, o protagonismo não estava no programa, mas sim, na contemplação da paisagem ribeira. Nesse aspecto, podemos traçar um paralelo comparativo de semelhanças entre as três hipóteses projetuais. Todas as propostas buscaram a retomada da natureza no contexto da orla, seja preservando o existente, seja retomando a paisagem ou a configuração original da margem ribeira. Tal fato evidencia que os projetos adiantam temáticas ambientais e sustentáveis reivindicadas como problemas contemporâneos. A análise dos três projetos em conjunto prova que essa pauta já era vigente na agenda da década de 1970. Embora discutido de modo insipiente em dado momento, a preocupação ecológica e de aproveitamento do patrimônio natural da orla porto-alegrense está implícito nos três projetos para o Marinha.

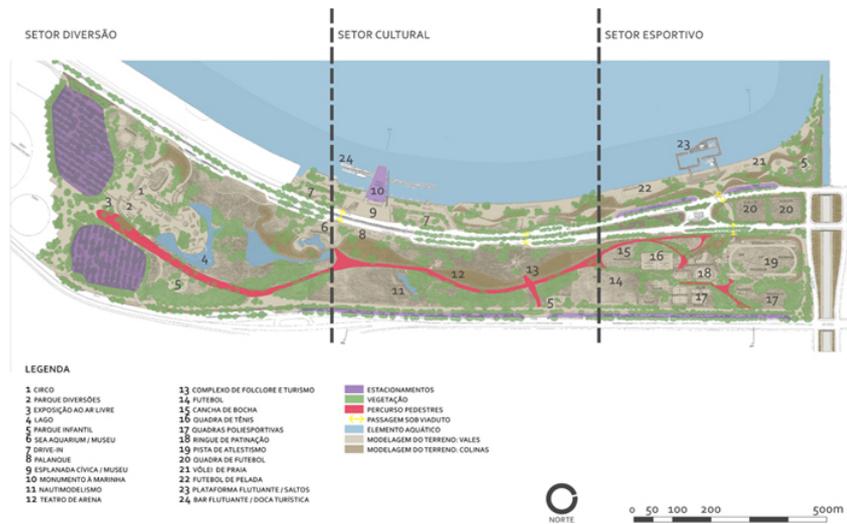
Se referente à questão ambiental as propostas precipitam atitudes e debates, em relação às tradições compositivas pode-se dizer que resgatam valores. Assim, as práticas paisagísticas inglesas e francesas são também retomadas no traçado das propostas, trabalhadas, agora, nos elementos da cidade moderna, como as vias expressas ou os equipamentos decorrentes da demanda por atividades recreacionais. Mizoguchi e Malinsky mesclam em seu projeto as duas tradições, evidenciando proposições diferenciadas a cada situação. De traçado regular e monumental, o longo eixo aquático remete à composição francesa, promovendo a visibilidade total do parque e estabelecendo a supremacia da plataforma em relação à natureza e ao rio. De caráter bastante diverso, o eixo verde alinha-se aos preceitos do jardim inglês, em que o caminho curvo e ondulado sugere a reinterpretação dos ideais românticos, do caminhar lento e da conformação de visuais curtos. O contraste do eixo reto e imponente com o outro orgânico e discreto permite a ousadia de comparar seus traços à planta de Brasília. As semelhanças apresentam-se não apenas na forma, mas também no uso. No caso da capital federal o eixo racional e retilíneo se destina à imponência dos poderes governamentais, em oposição ao eixo curvo, voltado predominantemente à moradia e ao cotidiano dos cidadãos.

Araújo e Comas parecem ser mais explícitos quanto à intenção de reinventar a tradição inglesa e inclusive, o pitoresco. Essencialmente contrário ao estabelecimento de traçado rígido e geométrico, o projeto se conforma pelo trabalho das ondulações de terreno, no plano vertical, e pelos caminhos sinuosos, no plano horizontal. O avanço sobre o rio é sutilmente insinuado por meio dos trapiches, mas, mesmo nessa situação, ocorrendo de modo lúdico e até poético. Nesse sentido, podemos nos remeter à reinterpretação que Alphand propôs às antigas pedreiras de *Buttes-Chaumont*, em Paris, reinventando suas galerias como um espaço de uso público. Não apenas pelo molde da terra bruta, coloca-se em relação o Marinha com o *Buttes-Chaumont*, mas também com a retomada da barcaça e do navio como edificação. Ao camuflar edificações na

topografia e recuperar equipamentos náuticos, o projeto insinua o recolhimento da arquitetura e a exaltação da paisagem.

Ainda que Fayet e Debiagi assumam as autopistas que cruzam o parque, configuram em seu interior ocasiões semelhantes à tradição inglesa. O percurso pelo parque é sinuoso, a vegetação se estabelece por agrupamentos irregulares e o elemento aquático se insere em formato orgânico, aproximando-se aos contornos naturais. Guardadas as devidas proporções, tal proposta retoma conceitos levantados na década de 1960 para o Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro. Característico de ambas as propostas é a concepção da cidade-parque, na qual prevalecem os espaços verdes, ao longo do qual pousam isoladamente as edificações, intercaladas com vias que se desenvolvem em distintos níveis.





Figuras 8, 9 e 10: Diagramas das propostas de Mizoguchi e Malinsky, Araújo e equipe e Fayet e Debiagi (de cima para baixo). Fonte: GIACOMET BARBOSA, Luciane. Parque Marinha do Brasil – um parque, três projetos. Tese de doutorado. PROPAR / FAU – UFRGS. Porto Alegre, 2016.

CONCLUSÃO

Traçando uma perspectiva genérica sobre os projetos, nota-se que Mizoguchi e Malinsky, bem como Fayet e Debiagi, assumem estratégias mais previsíveis de incorporação do território. No primeiro projeto, seguindo a tradição do eixo, mais especificamente, dois eixos que se cruzam como elementos estruturadores de projeto, de modo a conformar quadrantes – de tamanhos variados -, em que se distribuem as atividades. No projeto de Fayet e Debiagi, o espaço também se arma ao longo de um caminho vertebral, porém, agora se percebe a conformação do projeto em duas faixas bem definidas e de larguras diferentes. Tanto os eixos quanto o percurso organizador de ambas as propostas geram extensos setores em que se implantam as funções. Algo que contrasta com a alternativa adotada por Araújo e equipe, em que o território se conforma de modo seriado, definido pelas ondulações do terreno. Em vez de estruturar o projeto, que se estabelece pela topografia, o caminho de pedestres sugere o movimento interno e a formação de circuitos de passeio.

Se em relação às composições de sentido longitudinal - paralelas à orla - destacam-se os caminhos ou a modelagem do sítio, em relação às transversais, podemos perceber a relação da cidade e do parque. Não o parque visto a partir do rio, mas o parque percebido como extensão do tecido construído por ruas e edificações. Nesse sentido, o projeto de Araújo e equipe busca uma costura mais intensa. Não apenas com a inserção de passarelas de pedestres sobre a Av. Borges de Medeiros - pelo prolongamento das ruas perpendiculares à avenida -, como também pela indicação das edificações limítrofes ao parque, considerando os edifícios no triângulo da Borges com a Praia de Belas. Com a implantação do eixo transversal, Mizoguchi e Malinsky salientam a retomada do rio, porém, no sentido oposto, a busca da cidade, não se estabelece uma continuidade. O eixo se inicia na Av. Borges de Medeiros e prossegue ao Guaíba, sem, no entanto,

vincular-se ao traçado de ruas existentes em sua periferia. Fayet e Debiagi estabelecem um corte com a cidade, quando sugerem um estacionamento linear e contínuo ao longo da Av. Borges de Medeiros, sem ao menos considerar sua possível transposição por passarelas ou passagens subterrâneas.

Assim como é possível estipular parâmetros comparativos sob o ponto de vista do plano também o é por meio das seções. O corte do projeto de Araújo e equipe conforma uma topografia ondulada, permitindo retomar a memória da paisagem do pampa no projeto. O vale dos espaços alterna-se ao topo das colinas modeladas com a terra bruta ou conformada como cúpula transitável. A partir disso percebe-se novo contraste, em que o projeto demarca em planta as edificações limítrofes ao parque, enquanto em seu interior as camufla na topografia ou na reinserção dos equipamentos náuticos. O movimento ondulado se inicia na Av. Borges de Medeiros, quando a passarela de pedestres curva-se sobre a avenida, e se desenvolve ao longo do parque, adotando o traçado retilíneo quando preciso, para estabelecer ruas e mirantes, ou mesmo para avançar sobre a superfície aquática com os trapiches, momento em que as ondas passam a ser definidas pelo balanço da água.

Mizoguchi e Malinsky demonstram em seus cortes a relação com o entorno edificado, enfatizando para dentro do parque o trabalho com a vegetação e a leve modelagem da terra, como delimitadores dos espaços. As edificações que emergem da plataforma aquática, o “portinho”, dão continuidade ao *skyline* da cidade. Se anteriormente falou-se que o eixo aquático não buscava o encontro com o traçado estabelecido da cidade, pode-se dizer que do ponto de vista seccional evidenciou a continuidade com a cidade em termos de volumetria, de modo que o vasto território do parque se configura por intensa massa verde, envolta por uma *borderline* edificada, não apenas na superfície terrestre, como na aquática.

Nas seções de Fayet e Debiagi ocorre algo similar. Enquanto a análise em planta mostrou o rompimento com a cidade, o corte transversal sugeriu uma conversa em termos de linguagem entre o estádio do Sport Club Internacional e a edificação trapezoidal que avança sobre o rio. Em corte, essa edificação longilínea flutua acima da água, opondo-se ao totem vertical proposto como monumento, que avança ainda mais rio adentro. No miolo do parque as edificações desaparecem para dar lugar aos taludes que abrigam atividades em seu interior. Parque de diversões e circo aparecem como grandes equipamentos, que emergem entre os taludes e a vegetação.

As três hipóteses oriundas do concurso para o Parque Marinha do Brasil sugerem a transformação da superfície de aterro, de modo a criar um novo terreno, conformar diferentes lugares e variadas paisagens. A pluralidade das alternativas demonstra as diversas formas de pensar sobre a cidade e de construí-la com relação à natureza. Os projetos para o Marinha problematizam o espaço público e acendem o interesse de sua construção baseada na interação com o verde. A natureza torna-se meio de projeto na elaboração do parque público. A efetivação do concurso pode ser vista como um meio de agir e intervir no espaço público, de modo a refletir sobre ele e buscar sua qualificação. Os projetos desenvolvidos nesse concurso de arquitetura expõe a diversidade de

possibilidades para um determinado problema, de modo a configurar documentação histórica da transformação urbana.⁸

Os temas abordados na década de 1970 tornam-se contemporâneos, por ainda permanecerem como problemas não resolvidos. As soluções adotadas pelos projetos também são atuais e, ainda hoje, poderiam ser tomadas para resolver a questão do parque inacabado. As hipóteses lançadas pelo concurso retomam temas discutidos um século antes, mas também antecipam alternativas posteriormente utilizadas em outros locais. Os três projetos para o Marinha repensam a metrópole e promovem a organização dos espaços por meio dos sistemas verdes.

REFERÊNCIAS

- DAMASCENO, J. Entrevista realizada em 26 de abril de 2011, Porto Alegre.
- DEBIAGI, J. Entrevista realizada em 22 de março de 2011, Porto Alegre. (arquiteto autor da proposta 3).
- BOHRER, M. D. *O aterro Praia de Belas e o aterro do Flamengo*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR), Porto Alegre, 2001.
- GIACOMET, L. B. *Parque Marinha do Brasil – um parque três projetos*. Tese de doutorado (Doutorado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura...) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR), Porto Alegre, 2016.
- MARQUES, S. M. *Fayet, Araújo & Moojen: arquitetura moderna brasileira no sul - 1950 / 1970*. Tese de doutorado (Doutorado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pesquisa e Pós Graduação (PROPAR), Porto Alegre, 2012.
- MARQUES, S. M. (Org.). *Acervo Fayet, Araújo & Moojen*. Porto Alegre: Núcleo de Projetos, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo UniRitter, 2006.
- MARQUES, S. M. ; MIRON, L.; LUZ, M.; ARAÚJO, C. L. G. (Orgs.). *Acervo Arquitetura de Concursos no Rio Grande do Sul: 1954/2014*. Porto Alegre: Núcleo de Projetos, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo UniRitter, 2000.

⁸ É válido destacar que os projetos realizados para o concurso não tiveram repercussão e divulgação nacional. Embora o concurso tenha surgido no embalo do milagre econômico brasileiro, seu resultado (1976) e a própria execução – parcial - do Parque Marinha do Brasil (1978) aproximam-se do fim da década de 1970, momento em que se sentem os efeitos da crise mundial, ocasionando a diminuição de investimentos e da geração de empregos.

Parque Marinha do Brasil - Plano Preliminar de Diretrizes - SPM. Documento disponível na biblioteca da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM) da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1976.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Secretaria do Planejamento Municipal. *Plano diretor de desenvolvimento urbano: Porto Alegre planejar para viver melhor.* Porto Alegre: PMPA, 1980.

Projeto Renascença. Documento disponível na biblioteca da Secretaria do Planejamento Municipal da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1975.

Revista Espaço e Arquitetura, número 1. Instituto dos Arquitetos do Brasil, Departamento do Rio Grande do Sul, Sindicato dos Arquitetos no Estado do Rio Grande do Sul, outubro 1976.

